INTERAÇÕES E INTERRELACIONAMENTOS ENTRE INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS NOS ESPAÇOS URBANOS DE DOURADOS – MS

Igor Paulatti Pizarro Vieira (igorpizarrovieira@gmail.com)

O artigo analisa o processo de deslocamento da comunidade indígena pelo espaço urbano do município de Dourados, Mato Grosso do Sul, e aponta para aspectos importantes dos processos interétnicos envolvendo não indígenas e indígenas. Estes últimos, por meio de sua circulação pelos espaços urbanos da cidade, em diferentes contextos e situações, criam formas de resistência face violência colonialista de um Estado e de uma sociedade que não os considera como sujeitos de direito. Então, nosso objetivo é refletir, a partir de uma perspectiva antropológica, sobre o modo como a sociedade Douradense reitera ações de subalternização dos sujeitos indígenas (no caso específico, os Kaiowá) por meio de dispositivos de exclusão e estigmatização que associam índios à natureza em um polo, enquanto que no outro à imagem dos não indígenas é atrelada a civilização e cultura. Com isso, existe a consolidação de um imaginário etnocêntrico que opera de diferentes modos como, por exemplo, por meio do discurso midiático, que através da seletividade das informações veiculadas nos meios de comunicação em relação aos casos envolvendo indígenas em situações de conflito reiteram silenciamentos, violências simbólicas e preconceitos. Por outro lado, a partir do trabalho de campo e do mapeamento bibliográfico ao longo da pesquisa, observou-se que para além da manutenção de símbolos que sustentam um olhar estigmatizante sobre o "Outro", há também por parte dos sujeitos indígenas diferentes estratégias de resistência. Assim, os indígenas ao circularem nos ambientes urbanos, indo além do espaço da aldeia, evidenciam, através de seus traços fenotípicos, de suas formas de comunicação e os modos de ser e existir, a necessidade de pensarmos o espaço da cidade como algo constituído por uma dimensão plural que expõe os intensos processos de elaboração das trocas culturais, o que não implica a ausência de tensionamentos. A partir disso, fica evidente que os indígenas transformam e negociam suas identidades através do envolvimento com outros agentes sociais e em diferentes contextos, isso aponta para uma constante ressignificação de seu lugar no mundo social, de seu território e de suas práticas tradicionais, ocorrendo um "processo cultural complexo". Desta forma, o artigo busca salientar que esse contato entre indígenas e não indígenas não permite uma relação de dominação fatídica e pré-determinada em que não há espaço para negociações e "borramento" de fronteiras, já que o deslocamento da comunidade indígena ao ambiente urbano não pode ser entendido como um processo de perda de identidade, pois como pudemos perceber ao longo da pesquisa é que, apesar de vidas precarizadas, os sujeitos indígenas Kaiowá existem, resistem, re-existem.

Palavras-chave: indígenas; cidade; relações interétnicas; antropologia urbana.